

O TERREIRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA COMO ESPAÇO MARGINAL E POSSÍVEL À VIVÊNCIA DE PESSOAS TRAVESTIS

Taiane Flôres do Nascimento

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia/PPGGEO da Universidade Federal de Santa Maria/UFSM; Integrante do Laboratório de Espacialidades Urbanas/LabEU/UFSM, Santa Maria – RS, Brasil.

Email: taianefloresn@gmail.com

Benhur Pinós da Costa

Professor Doutor do Departamento de Geociências da Universidade Federal de Santa Maria/UFSM/RS; Coordenador do Laboratório de Espacialidades Urbanas/LabEU/UFSM, Santa Maria – RS, Brasil.

Email: benpinos@gmail.com

Resumo

O presente artigo tem como foco central, ressaltar o terreiro como espaço marginal que integra corpos marginalizados – no caso específico desta pesquisa, as travestis – entendendo assim, que o terreiro é um espaço plural passível de qualquer dinâmica relacionada a construção de espacialidades integradoras e abertas, possíveis de vivências diversas. A Geografia com enfoque na religião, juntamente com a perspectiva de gênero, pode ser capaz de explicar as relações de subversão e/ou de acolhimento por parte de grupos religiosos no que se refere a introdução de grupos sociais marginalizados da sociedade normativa. A partir desta perspectiva, uma das possibilidades diante da composição do espaço religioso por relações sociais diferenciadas de gênero, pode ser relacionada diante de uma análise social e cultural dos pressupostos da diferenciação de crenças.

Palavras-chave: Terreiros; Espaço; Travestis; Religião.

THE *TERREIRO* OF RELIGIONS OF AFRICAN MATRIX AS A MARGINAL SPACE AND POSSIBLE TO THE LIVING OF PEOPLE TRAVESTIS

Abstract

The main focus of this article is to emphasize the terreiro as a marginal space that integrates marginalized bodies - in the specific case of this research, travestis - understanding that the terreiro is a plural space capable of any dynamics related to the construction of integrating and open spaces, possible of diverse experiences. Geography with a focus on religion, together with the gender perspective, may be able to explain the subversion and / or reception relationships of religious groups regarding the introduction of marginalized social groups of normative society. From this perspective, one of the possibilities before the composition of the religious space by differentiated social relations of gender, can be related before a social and cultural analysis of the assumptions of the differentiation of beliefs.

Key words: Terreiros; Space; Travestis; Religion.

EL TERREIRO DE RELIGIONES DE MATRIZ AFRICANA COMO ESPACIO MARGINAL Y POSIBLE A LA VIVENCIA DE PERSONAS TRAVESTIS

Resumen

El presente artículo tiene como foco central, resaltar el terreiro como espacio marginal que integra cuerpos marginados - en el caso específico de esta investigación, las travestis- entendiendo así, que el terreiro es un espacio plural pasible de cualquier dinámica relacionada con la construcción de espacialidades integradoras y abiertas, posibles de vivencias diversas. La Geografía con enfoque en la religión, junto con la perspectiva de género, puede ser capaz de explicar las relaciones de subversión y/o de acogida por parte de grupos religiosos en lo que se refiere a la introducción de grupos sociales

marginados de la sociedad normativa. A partir de esta perspectiva, una de las posibilidades ante la composición del espacio religioso por relaciones sociales diferenciadas de género, puede ser relacionada ante un análisis social y cultural de los supuestos de la diferenciación de creencias.

Palabras-clave: Terreiros; Espaço; Travestis; Religião.

Introdução

As religiões afro-brasileiras (ex: Umbanda) e de matriz africana (ex: Candomblé), no decorrer da história, passaram por diferentes “metas-narrativas”, que constituem suas teorias em relação ao processo de contextualização e construção das bases referenciais dentro das ciências. Referencial esse que, mesmo incipiente, oferece um leque de interpretações sobre as temáticas culturais, políticas e, também, as espaciais. Neste sentido, abordar uma variável que compõem essas religiões é fundamental na própria compreensão do que é a religiosidade e no que ela influencia na vida das pessoas

Metodologicamente, o texto aqui apresentado, foi estruturado a partir de alguns questionamentos acerca da temática em questão: no primeiro momento a construção de um embasamento teórico sobre o espaço do terreiro e marginalização do mesmo, bem como a formação de uma teia de considerações acerca da temática de religião e gênero, e as relações socioespaciais que eles podem integrar; no segundo momento, discussões que ressaltam a emergência destes estudos na atual conjuntura em que a sociedade está inserida. Não obstante, as considerações finais poderão servir de futuros questionamentos para a ciência geográfica.

Diante desta premissa, o presente artigo tem como foco central ressaltar o terreiro como espaço marginal que integra corpos marginalizados – no caso específico desta pesquisa, as travestis – entendendo assim, que o terreiro é um espaço plural passível de qualquer dinâmica relacionada à construção de espacialidades integradoras e abertas, possíveis de vivências diversas.

Justifica-se a temática na integração da ciência geográfica com enfoque na religião e a perspectiva de gênero. Esta relação pode ser capaz de explicar as relações de subversão e/ou de acolhimento por parte de grupos religiosos no que se refere a introdução de grupos sociais marginalizados da sociedade normativa. A partir desta perspectiva, uma das possibilidades diante da composição do espaço religioso por relações sociais diferenciadas de gênero, pode ser relacionada diante de uma análise social e cultural dos pressupostos da diferenciação de crenças.

O terreiro como espaço marginal: corpos marginalizados integrando espaços não-hegemônicos

As religiões afro-brasileiras e de matriz africana tem despertado interesse pela Geografia, na perspectiva do espaço e suas particularidades. O processo de teorização sobre essas religiões e suas espacialidades é um caminho que a ciência geográfica se apropria na forma de estudos interligados em conjunto com a área humana, principalmente em caráter interdisciplinar, pois abrange inúmeras investigações que vão do cultural até a temática de gênero. Neste sentido, o presente artigo irá contemplar a questão da espacialidade do terreiro, considerando as hipóteses em que há lugares possíveis às vivências de corpos subalternos à heteronormatividade e às determinações binárias dos gêneros, neste caso, de um grupo social excluído da sociedade, as travestis. Podemos considerar que, atualmente,

já está claro que colocar a dualidade do sexo num domínio pré-discursivo é uma das maneiras pelas quais a estabilidade interna e a estrutura binária do sexo são eficazmente asseguradas. Essa produção do sexo como pré-discursivo deve ser compreendida como efeito do aparato de construção cultural que designamos como gênero. (...) Em algumas explicações, a ideia de que gênero é construído sugere um certo determinismo de significados do gênero, inscrito em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a “cultura” relevante que “constrói” o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Neste caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino (BUTLER, 2003, p. 25-26).

Resumindo, em outras palavras:

A heterossexualização do desejo requer e institui a produção e oposições discriminadas e assimétricas entre “feminino” e “masculino”, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de “macho” e “fêmea”. A matriz cultural por intermédio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de “identidade” não possam “existir” [...] (BUTLER, 2003, p. 39-40).

A ideia da heteronormatividade vinda de Butler (2003), está associada ao gênero como construção social e a “norma”, uma determinação inexorável, ou seja, inflexível. Sendo assim, tudo que está fora ou que não segue os padrões construídos, está às margens do todo. Butler (2003), defende a ideia de que essa “invenção” da sociedade – a normatividade – não condiz com a realidade cotidiana. Neste sentido, consideramos as palavras de Silva (2009), quando diz que

Queremos chamar atenção para o fato de que as travestis sofrem maior violência e preconceito porque a marca da transgressão é nítida, visual e, portanto, afronta o poder heteronormativo, muito menos evidente no gay ou na lésbica (SILVA, 2009, p.142).

O grupo social das travestis se destaca na relação com o fenômeno social das religiosidades afro-brasileiras, ao contrário de outras religiosidades, que se constituem como espaços interditados a estes sujeitos, como veremos no desenvolvimento deste trabalho. No entanto, é fundamental destacar a pluralidade de gêneros, principalmente o significado de travesti, que abarca um leque de discussões no que tange a diversidade e identidade. Neste sentido, destaca-se de início, as considerações de Benedetti (2005) que define:

travestis são aquelas que promovem modificações nas formas do seu corpo visando a deixá-lo o mais parecido possível com o das mulheres; vestem-se e vivem cotidianamente como pessoas pertencentes ao gênero feminino sem, no entanto, desejar explicitamente recorrer à cirurgia de transgenitalização para retirar o pênis e construir uma vagina. (BENEDETTI, 2005, p. 18).

A partir do presente estudo, pode-se estabelecer algumas considerações sobre a afirmação de Benedetti (2005). A busca da estética feminina é presente, mas ela não se reduz à constituição de um modelo padronizado de feminino binariamente contraditório ao masculino. O feminino aqui é contextual, singular e dinâmico inerente à singularidade do sujeito em questão: são suas construções pessoais.

Os espaços interditos (SILVA, 2009) são inúmeros e tais espaços marginalizam as travestis e transexuais dos processos de convivência, trabalho e lazer sociais. Muitas religiões não aceitam em seus dogmas e cultos a expressão de corpos dissidentes dos modelos hegemônicos de gênero e sexualidade. Por outro lado, em outras, as travestis são plenamente aceitas e se tornam “espaços possíveis” de expressão de suas feminilidades. Este é o caso dos terreiros de religiões afro-brasileiras, nas quais as travestis observadas neste trabalho se inserem tranquilamente e são aceitas na plenitude da construção de seus gêneros e de suas sexualidades. Ornat (2008) comenta:

Determinados corpos são marcados identitariamente como sendo diferentes ou marginais, e estando associados a espaços particulares, enquanto outros são considerados normais e muitas vezes colocando-se como neutros no discurso dominante. Isto tem se mostrado a partir da justaposição entre sexualidade, gênero e espaço, na simultânea associação entre sexualidade/corpo e seu monitoramento. O corpo tem se colocado como um espaço social e político, indo além de um espaço biológico (ORNAT, 2008, p. 318-319).

A ideia do terreiro como um espaço marginalizado é composta pelas metas narrativas, em diferentes espaço-tempo, associadas a essa temática. Conceitos esses, que trazem a cultura africana e afro-brasileira, e conseqüentemente a questão da religiosidade, como marginais até os dias de hoje. Essas religiosidades, ainda estão em processo de

afirmação, pois são religiões aparentemente “novas” aos olhos da sociedade, os quais são praticantes e adeptos de religiões hegemônicas, como o cristianismo cristão e o evangelho. Neste sentido, resgatam-se as palavras de Camargo (1961) quando enfatiza que:

As religiões mediúnicas, inicialmente o Espiritismo, depois a Umbanda, são modalidades religiosas que vieram participar do processo global de mudança cultural. Realmente, é das funções mais importantes destas religiões a integração dos fiéis na sociedade urbana; cremos, mesmo, que elas constituem uma das alternativas deste processo de adaptação (CAMARGO, 1961, p. 68).

O autor, ao salientar que as religiões afro são alternativas diante do processo de adaptação, abrimos uma ponte a qual introduzimos as vivências de diferentes expressões de gêneros. O terreiro, como espaço religioso não-hegemônico, integra corpos interditos, que procuram determinados espaços as quais podem estabelecer relações sociais sem serem marginalizados. Silva (2008), salienta que os transgressores da norma geral estabelecida são fadados às severas punições construídas pelas táticas eficazes e sutis da interdição. Neste sentido, esse espaço religioso é considerado um caminho alternativo a desconstrução de padrões normativos, situando-se as margens da sociedade.

Os terreiros são invisibilizados nas cidades, pois além da segregação em locais periféricos, suas espacialidades são geridas pela regularização de um “setor” hegemônico da sociedade. Neste sentido, podemos inferir que a permanência dos terreiros é caracterizada por resistências e também perseguições. A partir disto, consideramos as palavras de Birman (1983):

As casas de cultos de umbanda, na sua maioria, possuem a peculiar propriedade de serem quase invisíveis aos olhos dos leigos. Ao contrário das igrejas cristãs, que ocupam pontos de destaque na geografia urbana, os terreiros são difíceis de encontrar, o que é compatível com o lugar social da religião na sociedade (BIRMAN 1983, p. 73).

Passada cerca de três décadas e meia da publicação de Birman, ainda há essa invisibilidade prevista e destacada pela autora. As conquistas por espaços, estão chegando gradativamente, no entanto, a intolerância caminha paralelamente a essas manifestações até os dias de hoje. Ainda há emergência nas discussões, tanto acadêmica, quanto política, nessas questões de possibilidades de espaços. Para tanto, considera-se as palavras de Barros (2008) onde diz que:

O terreiro é um espaço social, mítico, simbólico, em que a natureza e os fiéis se unem para viver uma realidade diferente daquela que o cotidiano ou a sociedade lhes apresenta como o real, na qual as pessoas que o constituem acreditam. É nesse espaço que se dá a transmissão e aquisição dos conhecimentos da tradição religiosa afro-brasileira. O terreiro significa, para os seus freqüentadores, um espaço idealizado, divinizado,

no qual “orixás” e “guias” baixam, para manifestar ali o encontro desses com a sua comunidade religiosa. É assimilado como um local de vida, de reunião, de participação, espaço social, além de religioso (BARROS, 2008, p. 56).

Difícilmente veremos um terreiro com construção e arquitetura formando grandes instalações especiais, e caracterizam-se por incorporarem em sua lógica de divisão do espaço físico inúmeras concepções cosmológicas relativas ao sagrado e ao profano, ao mistério ou ao segredo e, principalmente, ao poder religioso (SILVA, 1995).

O terreiro, geralmente, é uma adaptação ou aproveitamento de um espaço no fundo de uma residência, garagem, ampliações de algum cômodo, ou seja, o espaço do terreiro é a casa de algum adepto. O terreiro é, pois, em geral a própria casa de seu chefe, não tanto porque ele mora no terreiro, mas, porque ele transformou sua casa num terreiro (BARROS, 2008).

Essas considerações fazem com que pensemos que não há uma delimitação para o que é espaço sagrado e espaço profano, pois uma residência ao mesmo tempo que é tida como o lugar de cultos (sagrado), após o término do mesmo, ela volta a ser uma moradia (profano). Seria o terreiro qualquer lugar que o sagrado possa se manifestar? Podemos considerar as ressalvas de Barros (2008):

[...] a geografia do terreiro, assim como as práticas que nele se desenvolvem quer sejam mais voltadas à diversidade como nos terreiros populares, quer sejam mais comprometidas com uma visão moralizante como nos terreiros médios, eles destinam-se, antes de tudo, a manter fora ou expulsar algo que ameaça invadir ou que invadiu um espaço, seja ele físico, ritual ou pessoal. Esse movimento entre um interior ameaçado e um exterior ameaçador é a chave de todo o sistema umbandista. Dessa forma, pode-se analisar o terreiro como a representação de uma pequena sociedade cujas fronteiras estão sempre sendo ameaçadas (BARROS, 2008, p. 61).

O terreiro é um espaço cujas fronteiras estão em constante ameaça. Tais ameaças são relativas à construção deste espaço como subalterno e marginal a uma condição social hegemônica das religiosidades cristãs. Como espaço ameaçado também agrega sujeitos cujas suas corporeidades estão ameaçadas pelas relações normativas compostas como privilégios para se viver o espaço social. A relação entre terreiro como espaço marginalizado e ameaçado se integra à condição subalterna dos corpos que compõem e são este espaço. Corpos que transgridem as apresentações binárias normativas sobre os gêneros lá se expressam como em nenhum outro lugar do espaço social, nas quais as relações heteronormativas e cisgêneras são as normas.

O binarismo quanto aos gêneros e as relações heteronormativas quanto às orientações sexuais são condições de cunho social que produzem os corpos privilegiados do homem e da mulher heterossexuais e cisgêneros. Judith Butler (2003) aborda o conceito de performatividades de gêneros, como atos e apresentações estéticas e expressivas que as pessoas repetem todos os dias como qualidades normais aos homens e mulheres (formas de se vestir, de gestuar e de se portar nas relações sociais). Espera-se que, perante as relações sociais, as pessoas se comportem conforme os padrões estéticos binários e cis dos gêneros.

Os corpos transgêneros, como a das travestis, rompem com tais padrões e transitam entre tais polos binários dos gêneros. A tais corpos também se condiciona a transgressão quanto à heteronormatividade das relações de orientação sexual (uma vez que ainda o biológico do sexo do corpo transgênero ainda prevê relações de cunho homossexual). Mesmo rompendo as normas dos corpos cisgêneros e heterossexuais, as travestis estão submetidas às relações performativas, pois não escolhem performarem o corpo transgênero, simplesmente (ou complicadamente) sentem-se transitando de gênero, assim como entendem como estando fora da norma cis e heterossexual. Por outro lado, a construção de seus corpos ainda está submetida aos atributos de gênero relacionados às construções sociais hegemônicas, embora as transgredindo.

Para Butler (2003):

[...] a performatividade deve ser compreendida não como um ato singular ou deliberado, mas, ao invés disso, como a prática reiterativa e situacional pela qual o discurso produz os discursos que ele nomeia. [...] as normas regulatórias do sexo trabalham de uma forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual (BUTLER, 2003, p.154-156).

Considera-se que as performatividades de gênero e sexualidade são reguladas por normas que estabelecem como as pessoas devem agir. Por consequência, os corpos que são periféricos, são mais fáceis a se inserir em lugares também periféricos, que é o caso dos terreiros. Existe uma relação intrínseca entre corpos subalternos na configuração e produção do espaço subalterno do terreiro. Neste e por este espaço, nos quais os corpos das travestis são atributos de sua produção, os corpos subalternos encontram-se como possibilidades de viverem suas singularidades performativas de gênero.

Pensamos que este espaço é ameaçado e periférico porque seus atributos simbólicos compostos como espaço sagrado destoa do que se pretende como mais correto e benéfico em termos de sentimentos e vivências religiosas: seus ritos, símbolos e mitos são subjugados como incorretos e maléficis nas construções hegemônicas das religiões cristãs. Por outro

lado, as performatividades dos corpos que estão agregadas em seus rituais e que compõem seus elementos simbólicos também destoam das normativas estéticas e expressivas tidas como privilegiadas socialmente. No entanto, mesmo em tal composição ameaçada e subalterna, estes corpos encontram um espaço possível de afetividade e de capacidade de expressão autêntica como, também, transitória: estão felizes por viverem suas construções performativas singulares quanto aos seus corpos.

Após trazer as considerações de que o terreiro é um espaço marginalizado, ressalta-se que as religiões afro-brasileiras e de matriz africana, ao respeitar o gênero e a identidade, fazem com que grupos excluídos da sociedade normativa, no caso desta pesquisa, as travestis, idealizem nesses espaços, a possibilidade de serem reconhecidas socialmente. E esse reconhecimento perpassa tanto nas questões do gênero, quanto na hierarquia de papéis dentro do próprio terreiro, ou seja, há possibilidades de assumir a liderança de uma casa conceituada, dinamizando ainda mais o terreiro como espaço possível.

A ideia primeira de que o terreiro seja um espaço aberto, vem dos princípios e fundamentos das religiões afros, pois as mesmas enfatizam em suas doutrinas, a evolução espiritual sem distinção de gênero. Um exemplo concreto seria de um homem heterossexual, leva saias, bijuterias, maquiagens para o culto, já sabendo que nele, pode manifestar-se uma entidade mulher que seja vaidosa e que goste de usar utensílios femininos. A partir desta desconstrução é que se pode comprovar a diversidade da religião, uma vez que nela, o primeiro aprendizado é de que o corpo é um objeto de transição e que nele tudo pode ser construído a partir de uma manifestação espiritual. Sobre este princípio do corpo, o processo de aprendizado dos umbandistas em geral é composto por uma desconstrução de tudo que é hierarquizado no sistema que regula as práticas sociais.

A construção do espaço do terreiro pelas travestis é expressivo, pois este espaço transpassa por um processo de construção marginalizado. Ao mesmo tempo em que o terreiro é tido pelos próprios sujeitos como o espaço sagrado, marcado por símbolos, considerado como um espaço vivido e experienciado, é também marcado por signos que refletem um sentimento de pertencimento, contribuindo então, para a formação da identidade do indivíduo. Considerando os corpos interditos e subalternos das travestis, Ferreira (2001) contribui:

O instrumento que proporciona a tomada da consciência é o corpo, fundamentado na percepção, destruindo as relações diferenciadas entre sujeito e objeto. Não há, portanto, uma interioridade do sujeito e exterioridade absoluta do objeto. Ambos, sujeito e objeto, apresentam-se dotados de profundidade ontológica, 'espessura da carne', que não se

configura em obstáculo à comunhão, mas sim, como principal mecanismo de efetuar a coincidência (“fusão”) (FERREIRA, 2001, p.38).

É o corpo que entra em relação direta com o meio espacial. É imprescindível tratar do tema da religiosidade afro sem compreender o corpo como instrumento primeiro do indivíduo, de sujeito, onde torna-se concreto. A corporeidade, portanto, é a relação entre o corpo que sente e compreende e o mundo sensível. Este mundo sensível é todo e qualquer lugar que envolve o ser que sente. Neste sentido, as travestis no terreiro são corpos que integram uma “normalização” da cultura afro-religiosa, pois as divindades, segundo as leis da religião afro, não fazem distinção de gênero, pois o corpo além de ser um objeto de passagem, é também o que mantém a corrente simbólica do espaço sagrado.

Ao longo da pesquisa, descobrimos que o espaço do terreiro, além de ser aberto as expressões das travestis também é fundamental na construção da identidade do sujeito, e que a desconstrução do gênero é sempre uma meta pela qual a maioria dessa população religiosa, propõem dia após dia. Para isso, ressalta-se as considerações de Birman (2005):

É possível melhorarmos significativamente a compreensão que temos sobre as relações de gênero e o espaço concedido à sexualidade nesses cultos. Isso porque poderemos olhar com menos constrangimentos teóricos e, quiçá, teológicos as delicadas relações que se tecem quando a prática da possessão entrelaça humanos, deuses e espíritos em tramas que envolvem desejos sexuais, elos afetivos e papéis de gênero com os diferenciais de poder que atravessam todas essas inter-relações (BIRMAN 2005, p. 404).

E as considerações de Santos (2013), onde conclui que:

O candomblé aparece como um espaço ambíguo por oferecer em alguns casos o acolhimento ao modo de ser e viver das travestis e mulheres transexuais e, em outros casos, reproduzindo os papéis de gênero e sexuais vigentes, lhes impõe uma forma engessada de cultivar os orixás, fazendo com que muitas pessoas trans desistam da vida religiosa, mas leve para outros espaços de sociabilidade trans, a cultura, a linguagem e os costumes aprendidos na vivência do candomblé (SANTOS, 2013, p. 17).

Com base nas palavras de Birman e Santos, evidenciando as travestis, considera-se parcialmente que ainda assim as religiões afro-brasileiras e de origem africana têm sido procuradas por essas pessoas, uma vez que, mesmo com diferentes formas relações estabelecidas entre elas, oferecem um espaço possível para que possam expressar a sua religiosidade tentando associar com a sua identidade de gênero.

A religiosidade afro é marginalizada e estigmatizada por integrar a diferença entre expressões de gênero. A ideia de que o espaço sagrado do terreiro estabeleça relações diversas, surge para a sociedade como uma forma de desconfigurar a linearidade de sexo e

de gênero da padronização produzida e estabelecida na matriz cultural brasileira, baseada na heteronormatividade. Esse processo de desconstrução é promovido pelas manifestações dos movimentos sociais aos quais esses grupos estão inseridos, pois a intencionalidade é vista como uma forte aliada ao combate contra o preconceito em diferentes espacialidades.

Podemos considerar que os limites do terreiro não se resumem ao espaço fechado entre as quatro paredes. Entretanto, os limites do terreiro são os limites espaciais de um grupo social (no caso, todos que integram o terreiro). É essa integração que delimita o espaço sagrado, e por consequência, o sagrado pode ser qualquer lugar, fora do terreiro concreto. Rosendahl (2002) enfatiza que:

O espaço sagrado é um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência. É por meio dos símbolos, dos mitos e dos ritos que o sagrado exerce sua função de mediação entre o homem e a divindade. É o sagrado, enquanto expressão do sagrado, que possibilita ao homem entrar em contato com a realidade transcendente chamada deuses, nas religiões politeístas e Deus, nas monoteístas (ROSENDAHL, 2002, p. 30).

Há inúmeras intersecções dentro da religião, neste sentido, analisar religião não está apenas em enfatizar a fé, mas também evidenciar as possibilidades de relações sociais que os espaços simbólicos constituem diante dos indivíduos que dividem a mesma crença. Sobre essa questão, destaca-se as considerações de Souza (2004):

A religião é, antes de tudo, uma construção sócio-cultural. Portanto, discutir religião é discutir transformações sociais, relações de poder, de classe, de gênero, de raça/etnia; é adentrar num complexo sistema de trocas simbólicas, de jogos de interesse, na dinâmica da oferta e da procura; é deparar-se com um sistema sócio-cultural permanentemente redesenhado que permanentemente redesenha as sociedades (SOUZA, 2004, p. 122-123).

Ao enfatizar a relação da religião com as transformações sociais, no nosso caso, as que envolvem o gênero, sugere-se discussões que possam identificar a influência dos padrões heteronormativos diante de uma nova visão sobre a diversidade. A religiosidade afro integra todas essas discussões, uma vez que todas elas fazem parte de seu universo fundamentalista.

A potencialidade na temática de religião e gênero, vem da abordagem a qual leva à compreensão de culturas sexuais e a evidenciar a exclusão e a marginalização de determinados grupos sociais, resultado de práticas homofóbicas nas atividades econômicas e políticas. Neste sentido, a subversão pode desestruturar os espaços, ou seja, as práticas e também estudos subversivos podem ser fundamentais para ressaltar esses grupos marginalizados. Conclui-se que gênero é uma construção cultural e social e, como tal, sua

representação e disseminação pelos meios comunicacionais é responsável pela construção de ideais sociais, valores, estereótipos e preconceitos. Neste sentido, o terreiro aparece como um espaço marginal, mas que integra esses grupos que desestruturam os padrões normativos da sociedade. Nele estão inseridas complexidades que instigam a ciência humana e plural que é a Geografia, a se debruçar em suas análises enquanto um espaço possível e não-hegemônico. Espaço religioso, cultural e social que integra diversidades não só de gênero, mas culturais. Desconfigurar a linearidade da padronização produzida e estabelecida na matriz cultural brasileira não é uma tarefa fácil, porém aliando sujeitos marginalizados com as religiões afro, pode ser uma abertura para que essas normativas sejam ainda mais questionadas, afim de que, se tornem visíveis a sociedade de modo geral.

Conclusões

As travestis são um exemplo concreto de um grupo social construtor de espacialidades e que possivelmente seja um grupo social recluso de determinados espaços. Salienta-se que a religiosidade afro em todas as suas formas de manifestação, é periférica. A concepção de que o espaço sagrado do terreiro constitui relações de expressões de gênero diferenciadas, aparece para a sociedade como uma forma de romper a linha contínua de padrões heteronormativos. O espaço do terreiro, é de afirmação de uma religiosidade cada vez mais marginalizada por integrar diferentes expressões de gêneros, e a crença coloca em evidência, como pode-se desatrelar das pesquisas, identidades sexuais e de gênero que transitam entre o reconhecimento aos padrões normativos dominante e a sua transgressão, compreendendo então, que apesar de todas as divergências e dificuldades, esses espaços, a priori, são possíveis às diferentes expressões de gênero.

Dessa forma, é necessário que seja dada maior visibilidade para a manifestação dessas religiosidades afros, tanto no terreiro quanto fora dele, de modo a contribuir para o reconhecimento da importância da cultura e religião, juntamente das relações sociais que ela pode integrar. Os espaços normativos homogêneos são visivelmente destacados na comunidade acadêmica, no entanto, os que desestruturam esses padrões da sociedade são marginalizados e postos em evidência, quando se trata de integrar identidades subalternas.

A possibilidade na continuação desses espaços é a resistência e união de grupos sociais periféricos, para que assim seja possível buscar alternativas que contribuam para barrar os preconceitos e convencionalismos que revoam sobre a religiosidade afro, principalmente no espaço do terreiro.

Na formação cultural da sociedade brasileira, a influência da religiosidade é um fator indiscutível, produzindo padrões de subjetividades masculinas e femininas, normatizando e estabelecendo formas de controle sobre a sexualidade, principalmente no que se refere as relações afetivas. O surgimento da diversidade religiosa não tem se mostrado suficiente para alterar a hegemonia do modelo heteronormativo dessas relações e reduzir a marginalização daqueles que não se encaixam nos padrões estabelecidos pela sociedade normativa. Portanto, a temática de gênero e sexualidade, juntamente com a intercessão do padrão heterossexual das relações, se mantêm como uma questão de confluência entre a maioria dos grupos religiosos como um todo.

Referências

- BARROS, S C. **Geografia e Territorialidades na Umbanda: Usos e Apropriações Dos Espaços Urbanos**. Curitiba: Editora UFPR. n. 16, p. 55-64, 2008.
- BENEDETTI, M. **Toda feita – O corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BIRMAN, P. **O que é Umbanda**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- _____. Transas e transes: sexo e gênero nos cultos afro-brasileiros, um sobrevoo. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 404-414, 2005.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.
- ORNAT, M. J. Sobre Espaço e Gênero, Sexualidade e Geografia Feminista. **Revista Terr@ Plural**, v. 2, n. 2, p. 309-322, Ago/Dez, 2008.
- ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e Religião: uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.
- SANTOS, A. S. O gênero na berlinda: reflexões sobre a presença de Travestis e mulheres transexuais nos terreiros de Candomblé, **III Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades**, 2013, Bahia. Anais. Bahia: III SIES, 2013.
- SILVA, J. M. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. **GeoUERJ**, v. 18, p. 1-18, 2008.
- _____. Fazendo geografias: pluriversalidades sobre gênero e sexualidade. In: SILVA, J. M. (org.). **Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009, p. 25-54.
- _____. A Cidade dos Corpos Transgressores da Heteronormatividade. In: Silva, J. M. (Org.). **Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade**. Ponta Grossa: Editora Toda Palavra, 2009.
- SILVA, V. G. **Orixás da metrópole**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- SOUZA, S. D. Revista Mandrágora: Gênero e Religião nos Estudos Feministas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis/SC, v. 12, p. 122-130, 2004.

Submetido em: Março de 2019.

Aceito em: Março de 2019.